

Sociabilidade e jocosidade entre os jovens em um contexto de mudanças socioespaciais

Resultado de investigação finalizada

GT 22- Sociologia da infância e da juventude

Flavia Alves de Sousa

Resumo

Este trabalho objetiva refletir sobre as sociabilidades dos jovens na localidade de Flecheiras (Trairi), Ceará, Brasil. Esta passa por várias mudanças nos últimos anos advindas, principalmente, do turismo. Ressalto as transformações relativas à distribuição socioespacial entre antigos e novos moradores, constituindo-se em relações assimétricas entre a área mais antiga e a nova, manifestadas na sociabilidade entre os jovens, demarcado pelas "relações jocosas". Essas sociabilidades são atravessadas por tensões e conflitos simbólicos, no sentido que os discursos jocosos generalizantes sobre aqueles que vivem no novo bairro (Barreiro) modulam as diversas formas de interação desses jovens que ali vivem com os outros jovens que vivem na área mais antiga.

Palavras-chave: juventude, sociabilidade, mudanças.

Introdução

Esse artigo¹ discute a sociabilidade dos jovens em Flecheiras (município de Trairi-Ce, litoral do Nordeste do Brasil) diante das novas configurações locais advindas, principalmente, da "emergência turística" e da intensificação do processo de urbanização das pequenas cidades e distritos litorâneos. Essa dinâmica, que se intensificou nos últimos anos, é responsável por uma reconfiguração socioespacial no local, significando a saída da maioria dos moradores tradicionais (pescadores) da área da praia para dar lugar aos empreendimentos e investimentos turísticos (hotéis, pousadas, restaurantes, etc.) e casas de veraneio.

No caso específico de Flecheiras, parte dos moradores mais antigos passa a habitar uma área periférica em relação ao centro da localidade, afastada de alguns serviços e infraestrutura urbana. Essa distribuição socioespacial constitui o Bairro de Barreiro, gerando uma relação assimétrica entre o denominado centro de Flecheiras (antigo) e o Barreiro (novo), em que este é explicitado como menor, no sentido de ser desvalorizado em relação ao primeiro. Essa dinâmica foi observada a partir de alguns discursos "jocosos" manifestados por alguns jovens no contexto da sociabilidade na praça, referiam-se ao bairro de Barreiro como "favela", "lugar sujo" e "perigoso". Essas representações são problematizadas pelos próprios moradores desse bairro, construindo um discurso que as relativiza, criando uma imagem que expressa à apropriação desses em relação ao bairro em que vivem. Constroem, portanto, uma versão, uma maneira diferente de distribuição socioespacial do mesmo, criando imagens internas que ora se aproximam e ora se distanciam dessas criadas por atores externos ao bairro - as imagens vão depender de quem fala e de onde se fala. Essas relações específicas serão discutidas, tendo como apoio reflexivo as ideias de Elias e Scotson sobre estigma social, a partir da relação *estabelecidos e outsiders*. Considero importante a compreensão de como os jovens lidam com

¹ Esse artigo é parte de algumas reflexões que compõem a minha pesquisa de doutorado que encontra-se em fase de conclusão.

esse contexto de diferenças, como isso implica nas relações de sociabilidades, uma vez que foram nesses momentos que observei esses discursos serem manifestados pelos jovens.

1. Relações simbólicas entre Flecheiras/Barreiro

Um fato que suscitou minha curiosidade durante a pesquisa de campo em relação a essa dinâmica socioespacial foi exatamente alguns discursos que ouvi nas ruas, na praça, com certo conteúdo e tom depreciativo em relação ao Barreiro. Passei então a dar mais atenção a esses discursos e procurar conhecer esse bairro. As falas que me chamaram a atenção referem-se a esse local geralmente o designando como lugar sujo, como favela, onde morariam os favelados, os envolvidos com drogas, principalmente as ilícitas e aqueles que cometem roubos na região. É como se toda a “desgraça” que acontecesse desse tipo na localidade a responsabilidade fosse dos moradores do Barreiro. Esse bairro é, portanto, demarcado como o outro de Flecheiras, visto como lugar menor e periférico, desvalorizado pelas condições sociais adversas da maioria dos que vive na área central. Esse fato nos conduz a uma reflexão sobre este fenômeno social. Neste caso, busco me aproximar da perspectiva de Norbert Elias e Scotson, em *Os estabelecidos e Outsiders*. Nessa obra, os autores tratam da questão das configurações do *poder* e as relações entre autoimagem e imagem negativa do outro, tendo como quadro social de experiência a pequena comunidade denominada por eles de Winston Parva, Inglaterra (Elias e Scotson, 2000). Eles consideram essa relação social entre estabelecidos e outsiders um tema humano e universal que pode ser encontrada em algumas configurações sociais complexas, como em contextos de mudanças. Entretanto, esses autores ressaltam que os conceitos estigmatizantes usados pelos grupos estabelecidos podem variar de acordo com o quadro social e tradições de cada grupo. No estudo empírico realizado por esses autores o grupo estabelecido tendia a generalizar determinadas representações negativas da minoria como se fossem comuns a todo o grupo, ou seja, "atribuir ao conjunto do grupo outsiders as características "ruins" de sua porção "pior" - de sua minoria anômica" (2000, p. 22).

Nesse sentido, percebo que posso tecer algumas aproximações com a realidade de Flecheiras, uma vez que os discursos depreciativos, que carrega um certo estigma em relação aqueles que vivem em Barreiro, são generalizados, tomando como referência alguns atos "infratores" que passaram a acontecer nesse distrito nos últimos anos, como pequenos roubos, brigas, principalmente em momentos de festas, maior circulação e uso de drogas ilícitas. A fala de um jovem morador do centro de Flecheiras expressa um pouco os motivos dessa imagem "negativa" ao comentar sobre Barreiro:

[...] eu acho que está relacionado a questão das drogas, mas ali no Barreiro tem muita gente que fuma e tal... O pessoal vai para as festas e não se controla, acabam se envolvendo, fumando...Tem vários cantos aqui... O pessoal do Barreiro tem uma fama, as pessoas que roubam são de lá... Acho que é porque eles são menos favorecidos economicamente, são os mais pobres aqui de Flecheiras. Eu acho que seja por isso... (Danilo, 24 anos, entrevista em janeiro de 2010).

No diálogo com os moradores, é como se esses acontecimentos representassem uma novidade, e logo atribuem o ato a Barreiro - "é o povo de Barreiro". Alguns falam de forma genérica, outros tomam o cuidado de relativizar - "são essas pessoas que vieram morar no Barreiro", outros atribuíam os atos a um pequeno grupo de jovens e adolescentes moradores dessa área - "são aqueles mirins de Barreiro...". Soma-se a esse aspecto o fato dessa área ser desprovida de alguns equipamentos urbanos e por estarem mais afastados da praia, de uma área que tem se valorizado muito, considerada mais nobre, onde vivem

e circulam pessoas com uma maior condição financeira, onde os moradores convivem mais diretamente com as novidades e com os turistas, com os estrangeiros residentes na localidade.

Assim, a partir dos novos acontecimentos associados genericamente ao Barreiro e "reprovados" pelos moradores mais antigos, foi se construindo uma imagem muito negativa da área do Barreiro, produzindo, portanto, uma representação do todo pela minoria, visto que Barreiro não é só formado por moradores recém-chegados, mas também por antigos. Mesmo reconhecendo que atualmente os moradores da área mais central também cometem atos infratores, o rótulo já estava impregnado ao bairro de Barreiro. A fala de uma jovem moradora dessa área contribui para ilustrar e melhor compreender a complexidade socioespacial, bem como os sentimentos reativos de quem é atingido por esses discursos depreciativos:

Eu gosto de morar em Barreiro. O que eu noto é que o pessoal de Flecheiras exclui as pessoas daqui. Para eles é como só existisse marginal. Eu já ouvi de muitas bocas, pessoas dizerem que não morariam aqui porque só tem marginal. Não é porque aquela pista divide Flecheiras e Barreiro, que aqui é outra cidade. Eu acho que é por isso que aqui tem tantas coisas, pois as pessoas se revoltam. Eles podiam se unir para tentar resolver e não excluir. E aqui tem muita gente boa e com caráter. E as pessoas falam Barreiro como se fossem todos iguais. E Flecheiras também tem... [pessoas envolvidas com drogas e roubos] (Renata, 19 anos, julho de 2011).

Nesse sentido do que foi apresentado anteriormente, percebo que o cenário específico da pesquisa é bem mais diverso do que aquele analisado por Elias e Scotson, uma vez que a realidade social abordada por estes autores refere-se a uma configuração muito específica, em que seus moradores são divididos em uma zona da classe média e duas zonas da classe trabalhadora. A zona mais antiga da classe trabalhadora é chamada de aldeia e a outra zona, onde estão os moradores recém-chegados que também pertencem à classe trabalhadora, chama-se loteamento. Nessa pesquisa, os autores destacam que os moradores mais antigos, que vivem a mesma experiência de classe, se diferenciam daqueles de sua mesma classe, exatamente pelo estigma que carregam por serem recém-chegados, ou seja, de não fazerem parte da tradição do local, bem como do "carisma grupal" compartilhado entre os antigos moradores, uma vez que os recém-chegados são também desconhecidos entre si, sendo difícil para se estabelecerem enquanto um grupo coletivo e enfrentar os estigmas. Já na configuração de Flecheiras, o recém-formado bairro de Barreiro é constituído por moradores antigos desse distrito, principalmente os pescadores, e por recém-chegados. Dessa forma, alguns moradores antigos de uma área mais central de Flecheiras estariam criando discursos pejorativos não só em relação aos "de fora", mas também com relação aos "de dentro", ao usarem de forma generalizada expressões depreciativas que acabam gerando alguns estigmas com relação aos que vivem em Barreiro. O que internamente gera outras formas de redistribuição socioespacial desse novo bairro, o que pode ser interpretado como uma tentativa dos moradores mais antigos dessa área se excluírem dessas imagens negativas. Essa relação do centro de Flecheiras com Barreiro produz, portanto, outra configuração, outro plano de manifestação entre "estabelecidos" e "outsiders", ou seja, os moradores mais antigos, principalmente do Barreiro de Baixo (Sobradinho), ao expressarem as diferenças em relação aos novos moradores que ali chegam, constroem também uma relação assimétrica. Portanto, esse bairro é bem heterogêneo, ao começar pela própria formação, que se deu entre antigos e novos moradores e por sua própria divisão interna, que diverge da visão homogênea daqueles que olham de fora. Este bairro se divide em basicamente três subáreas: Barreiro de Baixo, Barreiro de Cima e Baixa Funda. Essas divisões não explicitam fronteiras físicas bem delineadas, mas indicam fronteiras simbólicas construídas que representam as diferenças entre esses moradores.

Os moradores antigos estão mais concentrados no denominado Barreiro de Baixo, que alguns preferem chamar de Sobradinho, a partir de onde essa área foi se tornando residencial e onde se encontra a maioria das pessoas com uma melhor condição financeira - o que é possível verificar a partir da própria estrutura das casas. Ao conversar com um residente dessa área, filho de antigos moradores de Flecheiras, disse-me que ali onde ele vivia com sua família não se chamava Barreiro e sim Sobradinho, pois a certeza disso pertence aos mais velhos, eles é que afirmam que ali era conhecido como Sobradinho. Nessa perspectiva, ou seja, para esse rapaz, Barreiro seria um pouco mais afastado dali, onde denominam de Barreiro de Cima, justifica que lá sim faz jus ao nome, pois correspondia ao lugar de onde tiravam barro, por isso a derivação do nome de Barreiro. Quando perguntei sobre a Baixa Funda, ele comentou que ali já era praticamente em cima das dunas, que se localiza depois da lagoa e ressaltou que ali sim seria a favela que algumas pessoas falam, ou seja, quando dizem que Barreiro é uma favela, estariam se referindo, na realidade, a essa área. Para ele, é nessa localização que estariam a maior concentração dos mais recentes moradores, pessoas mais pobres que chegam em busca de trabalho.

Fisicamente, esses lugares estão bem próximos, as fronteiras são borradas. Entretanto, historicamente, no processo de ocupação e apropriação, eles se distanciam e se diferenciam significativamente. As classificações supracitadas surgiram de acordo com o crescimento e tudo indica que foi com o objetivo de ir diferenciando os mais antigos dos recém-chegados.

Portanto, Elias e Scotson ajuda a pensar esse fenômeno socioespacial, contribuindo também para que essas relações assimétricas não sejam vista apenas como "preconceito social", mas é importante procurar perceber a sua complexidade, pois não se limita a dimensão individual, mas sim de grupos. Portanto a reflexão sobre "estigmatização social" ajuda a pensar a configuração específica dessa relação centro de Flecheiras/Barreiro, guardando as suas devidas especificidades. No jogo das relações sociais dessa localidade não existe a necessidade dos que vivem no centro de se colocarem explicitamente como superiores, demarcando, enumerando características de porque são melhores, mas isso fica transmitido de maneira implícita diante dos vários discursos. O que é mais forte nessa relação é essa desvalorização generalizada do outro, a partir do momento que tomam a parte pelo todo.

Observei que a maioria dos jovens manifesta um comportamento específico ao lidar com essas situações, pois percebem os momentos em que esses discursos são suscitados, apenas como brincadeira, portanto, destaca-se uma relação mobilizada pela ludicidade, em que o conteúdo utilizado para suscitar o outro, não é levado a sério. Assim, as reflexões sobre "relações de jocosidade" podem contribuir para pensar esse contexto.

1.2 A sociabilidade dos jovens no jogo relacional entre Flecheiras/Barreiro

O jogo relacional entre o centro de Flecheiras e o Barreiro é manifestado de formas diferentes, ao considerar os discursos de alguns adultos em relação aos dos jovens. Os primeiros, quando falam dessa relação e dos estigmas no que concerne ao Barreiro, aparentam preocupação com essa nova realidade, com a insegurança, com os atos infratores e ilícitos de determinados indivíduos e/ou grupos e um medo de que seus filhos envolvam-se, principalmente, com as drogas ilícitas. Já entre os mais jovens, esse jogo relacional é demarcado pelas brincadeiras, pela jocosidade, não entram numa relação conflitiva direta, no sentido de que isso implique em desavenças, brigas, mas sim, utilizam-se dessa "simbologia negativa" de Barreiro e dos discursos depreciativos para chamar a atenção do outro e gerar mais uma aproximação do que um afastamento.

Portanto, a manifestação desse fenômeno relacional entre Flecheiras/Barreiro, e a sua especificidade entre os jovens, contribui para pensar a sociabilidade entre eles. Nesse sentido, a intenção é olhar mais para as relações internas entre os jovens locais, percebendo como eles constroem significados diante das mudanças. Assim, o cenário me faz pensar em uma possibilidade reflexiva de

aproximação entre os discursos depreciativos e a sociabilidade. No sentido de que os discursos, muitas vezes manifestados de forma "jocosa" pelos jovens, possam modular as diversas formas de interação entre os jovens de Barreiro com os outros jovens que estão na área mais central.

Assim, penso a sociabilidade tomando como ponto de partida as reflexões de Simmel, que a define como uma forma de "sociação", significando os processos mais fluidos e autônomos do fazer e do desfazer das interações, que se manifestam mediante jogos de paquera e conversas sociáveis. Sociabilidade é um tipo de interação que tem como principal característica a "ludicidade" nos processos interativos. Diferentemente de outras formas de "sociação", a sociabilidade se autonomiza em relação ao conteúdo, ou seja, dos interesses imediatos, o que está em jogo é a forma ("o estar junto"). Não quer dizer que na sociabilidade o conteúdo não exista, mas ele vai ser secundário no processo interativo. Portanto, o que está em jogo é o modo de se estabelecer a interação, a qual ocorre mais entre iguais, no sentido de que quando existe uma grande hierarquia social fica mais difícil de realizar a sociabilidade, e quando esta hierarquia existe, a sociabilidade que se manifesta é mais circunstancial.

As brincadeiras são originadas por parte dos jovens que não são moradores de Barreiro, como aqueles que vivem no centro de Flecheiras ou em outras localidades como identifiquei em alguns relatos. Entretanto, não significa que o próprio jovem de Barreiro, em determinadas situações, não utilize dessa própria imagem negativa para suscitar uma brincadeira, quando lhe seja apropriado. Nesse sentido, considerei bem interessante o relato de um jovem morador do Barreiro de Cima, quando estava se referindo que as garotas de Flecheiras, principalmente algumas que moram no centro - "são muito bestinhas", "só querem ser"², afirmando que elas não queriam saber dos rapazes de Flecheiras, muito menos do Barreiro, só dos gringos. Nesse momento ele relata uma situação que já vivenciou algumas vezes no contexto da praça. Ele relata que chegou nesse lugar com uns amigos, procurou um lugar para sentar e viu os bancos todos ocupados, mas verificou que um deles estava ocupado por algumas garotas que ele julga "bestinhas" e resolveu "aprontar uma para cima delas", ou como diria em outros contextos, ele resolveu "causar": percebeu que o banco tinha uma pontinha livre, então chegou e sentou - o que possivelmente gerou certo incômodo, pois o banco deve ter ficado mais apertado. Disse que a reação foi imediata, as meninas levantaram e explanaram em alto e bom som: "só podia ser de Barreiro mesmo". Ele conclui o relato afirmando que fez isso porque tinha certeza que elas sairiam, ou seja, o ato as provocaria e elas ficariam com o banco. Argumenta que não fica chateado com essas reações - "não tem inimidade não, são só brincadeiras" -, justificando que existe a convivência com algumas pessoas legais e que não ligam para essas diferenças de quem mora no centro de Flecheiras ou em Barreiro.

Outro rapaz, que mora no Barreiro de Baixo (Sobradinho), relatou-me que é comum ouvir as piadinhas, que qualquer coisinha as pessoas falam - só pode ser do Barreiro -, "como se a gente fosse pessoas diferentes. Têm pessoas que pensam que se andar em Barreiro, é assaltado". Diante dessas situações de brincadeiras ele geralmente rir e contesta: "é, mas vocês ainda vão morar aqui". Afirmou que algumas vezes usou o seguinte argumento: "eu moro é na serra de Barreiro". Ele conclui tecendo algumas considerações sobre essas situações, considerando tanto às provocações como a sua reação: que tudo não passa de uma brincadeira e por isso não dá importância; algumas pessoas que faziam essas brincadeiras, hoje já estão morando ali também, e que a tendência seria essa, exatamente porque Flecheiras não teria mais para onde crescer; disse ter percebido a diminuição dessas brincadeiras, e acredita que seja por isso, porque tem muita gente do centro de Flecheiras indo morar lá.

Interessante essa estratégia de valer-se de aspectos que considera positivo em relação ao local que moram para contestar às provocações, pois dizer que mora na serra do Barreiro é como se dissesse,

² Explicam que denominam de garotas "bestinhas", que "se acham", algumas meninas que vivem mais na parte central de Flecheiras, geralmente seus pais são donos de negócios (comércios, pousadas), e que isso seria um motivo para elas se "acharem", se sentirem melhores.

vocês moram na praia, mas eu moro na serra - isso não quer dizer de fato que esteja na serra -, mas sim porque Barreiro está bem próximo das dunas, sobretudo para quem mora na área correspondente ao antigo Sobradinho, pois têm uma visão privilegiada das dunas. Essas variadas formas de revanche pode significar uma busca de equilíbrio de poder, de minimizar as diferenças, uma vez que nesses últimos anos muitos dos que moravam no centro já estão também vivendo nesse novo bairro, ou seja, a força desse estigma pode estar enfraquecendo, como bem observou o jovem morador do Sobradinho ao afirmar que muitos daqueles que provocavam as brincadeiras, já estariam também vivendo em Barreiro.

Assim, os jovens de Barreiro com os quais mantive diálogo são quase unânimes ao afirmarem que não se incomodam e não levam a sério, pois já estão acostumados com as brincadeiras, sobretudo os rapazes, pois veremos que as garotas manifestam uma reação diferente.

Dessa forma, dando continuidade a essa reflexão, considero que as interpretações antropológicas sobre "relações jocosas" podem ajudar a pensar a singularidade da manifestação desse fenômeno entre os jovens. Alguns antropólogos, como Marcel Mauss e Radcliffe Brown, buscaram analisar e compreender as relações de jocosidade a partir das estruturas de parentesco - que se dava por casamento. Essa reflexão, como afirma Gastaldo (2010), ficou subordinada à questão do parentesco. Para Radcliffe Brown, parentesco por brincadeira³ "é a relação entre duas pessoas, na qual uma é, por costume lícito, e, em alguns casos, obrigatório, levada a importunar ou a zombar de outra que, por sua vez, não pode ficar aborrecida" (1973, p.115). Assim, a brincadeira não deve ser levada a sério. Para ele nessa relação há uma combinação de "amistosidade e antagonismo". Entende que as formas deste tipo de relação podem variar de acordo com cada sociedade, entretanto, ressalta duas variações importantes nessas relações, a simétrica e a assimétrica. A primeira significa dizer que as pessoas envolvidas na relação podem uma zombar da outra, ao passo que na relação assimétrica ele traz duas possibilidades, a de que apenas uma pode suscitar a brincadeira, restando ao outro apenas ouvir, mantendo o bom humor, pois isso é importante, mas sem emitir reação, ou a possibilidade daquele que está recebendo a zombaria poder retribuí-la, mas apenas em parte (Radcliffe Brown, 1973). Entendo que a relação estabelecida entre os jovens de Flecheiras e Barreiro encontra-se mais próxima dessa última definição, pois os jovens suscitados parecem sempre ter uma reação, seja de um simples riso, um gesto simbólico ou uma resposta verbal, mas não na mesma medida, dada as condições adversas em que os segundos se encontram em relação aos primeiros. É essa configuração socioespacial que dá sentido a essas manifestações jocosas.

O autor destaca que essa teoria sobre relações jocosas "são modalidades de organizar um sistema definido e estável de conduta social no qual os componentes de conjunção e os de disjunção [...] são mantidos e combinados" (*Ibidem*, p.121). Entende que a disjunção social "implica divergência de interesses e, portanto, a possibilidade de conflito e hostilidade, ao passo que a conjunção exige ausência de contenda" (Radcliffe Brown, 1973, p.117-118).

Mesmo que este autor tenha centrado seus estudos nas relações de parentesco, nesse seu livro *Estrutura e função na sociedade primitiva*, reconhece alguns estudos que já estavam sendo realizados na África considerando relações jocosas entre tribos, observadas fora da estrutura de parentesco do casamento, motivadas, portanto, pelas relações de amistosidade e ajuda mútua. A perspectiva desse autor contribui para iniciar uma reflexão sobre as relações jocosas manifestadas pelos jovens diante da situação aparentemente disjuntiva entre o centro de Flecheiras e Barreiro. Entretanto, dado a sua centralidade dos estudos nas relações de parentesco, aproximo-me também de outra perspectiva sobre as relações de jocosidade trazida por Robert Lowie, uma vez que, diferentemente de Radcliffe Brown, pensou essas relações fora dessa estrutura de parentesco. Segundo Gastaldo, que analisa as sociabilidades manifestadas a partir das "relações jocosas futebolísticas", para Lowie,

³ Entenda "parentesco por brincadeira" como "relação jocosa". A maioria das traduções traz esse segundo termo, mas no livro que consulte, a tradução está como parentesco por brincadeira.

[...] a ênfase na compreensão do fenômeno está antes na *relação* propriamente dita (hoje diríamos “interação social”) do que nos liames estruturantes do parentesco. Em todos os seus termos, Lowie enfatiza a *relação* entre indivíduos ou grupos com outros indivíduos e grupos, e o modo como a jocosidade medeia esta interação, negociando com humor situações sociais de conflito. Os laços de parentesco aparecem como parte do quadro estruturante geral daquelas sociedades, mas não como o “motivo” daquela modalidade de relação. (GASTALDO, 2010, p.2)

Ainda com base nessa perspectiva, este antropólogo teria percebido nas relações jocosas uma "função moral", a de controle dos valores do grupo. (*ibidem*).

Alguns estudos já foram realizados desenvolvendo uma aproximação entre algumas manifestações juvenis e relações jocosas. Nesse sentido, o antropólogo Alexandre Pereira em sua pesquisa de doutorado com jovens da periferia de São Paulo, considerou a "jocosidade" como um dos aspectos importantes no cotidiano dos jovens. Sua pesquisa tinha como objetivo entender, a partir de algumas escolas de dois bairros de São Paulo, "como as experiências juvenis modificavam e eram modificadas por outras experiências como as escolares, territoriais (de moradores da periferia), tecnológicas, além das de gênero, classe social e raça" (Pereira, 2010, p. 5). Assim, as etnografias realizadas o fizeram perceber dois aspectos importantes do cotidiano dos jovens: o lúdico e o tecnológico, destacando que "as relações estabelecidas com os itens tecnológicos mantinham fortes associações com o lúdico" (*ibidem*). Nesse sentido, o elemento da "jocosidade" se manifestou como fator mobilizador de interações entre os jovens dos contextos observados, "além de explicitarem certas ambivalências em suas interações entre si e com a escola, revelaram-se como componentes importantes das relações juvenis, estudantis e de gênero que eram por eles empreendidas" (*ibidem*, p.145). As ambivalências observadas referem-se tanto a oscilação entre demonstrações de agressividade e amizade e/ou de diversão, evidenciando movimentos de aproximação e distanciamento entre os jovens.

Dessa forma, também observei que os elementos de jocosidade manifestados entre os jovens em determinadas situações em que são explorados conteúdos referentes à relação Flecheiras/Barreiro são mobilizadores de interações. Portanto, considero as relações jocosas como uma forma de sociabilidade. Tais relações atribuem sentido às situações assimétricas vividas por esses jovens, que longe de entrarem em confrontos diretos, constroem uma relação de proximidade baseada na amistosidade. Isso não significa dizer que não existam indivíduos ou grupos de jovens nessas duas áreas que não enfrentem um conflito mais direto, que tenham rinchas entre si, mas que a maioria dos interlocutores ressaltou essa relação baseada na brincadeira no tocante às situações que são sublinhadas as diferenças entre Flecheiras/Barreiro. Assim, preciso lembrar que os principais interlocutores dessa pesquisa são de Flecheiras/Barreiro, não no sentido de que obrigatoriamente tenham que ter nascidos ali, mas que moram nessa localidade há muito tempo, se constituíram como jovens nesse contexto de mudanças, ou seja, fazem parte do processo, assim, não foi dada uma atenção específica aos recém-chegados.

Ainda sobre as relações de jocosidade, observei que as meninas ao relatarem sobre essa situação expressavam uma reação diferente dos meninos, pois o que se sobressaía não era a aceitação desses discursos depreciativos como brincadeiras, como logo destacam os meninos, e sim como uma forma de discriminação, como afirma Renata: "o pessoal da rua discrimina muito Barreiro". Ao comentar sobre as brincadeiras que aconteciam em torno dessa situação, tanto ela como outras garotas, foram enfáticas em dizer que não considerava isso uma brincadeira. Nesse sentido, é importante observar que estou tratando aqui só de um lado dessa relação, ou seja, enquanto as meninas de Flecheiras ou de outras localidades podem suscitar a brincadeira, as que são provocadas dizem não entendê-las dessa forma. Essa jovem diz que sempre ficou chateada com essas situações. O próprio relato de Renata pode

justificar essa observação. A situação relatada aconteceu na volta dela para casa, após uma partida de futebol, momento em que foi provocada por uma garota que reside em Cana Brava (localidade praiana de Trairi). Assim, ela explica:

Eu estava em um jogo e quando ele havia terminado e voltávamos pra casa, uma moça que morava na Cana Brava disse que morava lá, mas não no Barreiro, porque neste lugar só tinha marginal, então eu (Renata) disse: você não devia dizer isso, porque eu moro lá, e quando você diz isso, você também está me incluindo e eu não sou marginal. As pessoas não percebem isso, que nem todo mundo daqui é isso que elas dizem. (Renata, 19 anos/julho de 2011)

Sobre esse aspecto dos vários momentos de sociabilidade, já pude perceber que essa representação sobre Barreiro não se limita a Flecheiras, pois outras localidades também reproduzem os discursos depreciativos com relação a esse bairro, os quais se manifestam também em momentos de competições como as de futebol, conforme o relato anterior.

Considerações Finais

Assim, o cenário me faz pensar em uma possibilidade reflexiva de aproximação entre os discursos depreciativos e as formas de sociabilidade, no sentido de que os discursos, muitas vezes expressos de forma “jocosa” pelos jovens, são conteúdos dessas sociabilidades, permitindo que diferentes jovens compartilhem sentidos por meio de conversas descontraídas, brincadeiras, piadas e formas sutis de expressão de desigualdades e estigmas sociais. Dessa maneira, essas sociabilidades são atravessadas por tensões e conflitos simbólicos, no sentido que tais discursos generalizantes sobre aqueles que vivem no Barreiro modulam as diversas formas de interação desses jovens que ali vivem com os outros jovens que vivem na área mais central.

Referências Bibliográficas

GASTALDO, Édison. **As relações jocosas futebolísticas. Futebol, sociabilidade e conflito no Brasil.** Revista MANA 16(2): 311-325, 2010

NORBERT, Elias & SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **"A maior zoeira": experiências juvenis na periferia de São Paulo.** Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade de São Paulo, São Paulo: 2010.

RADCLIFFE - BROWN, Alfred Reginald. **Estrutura e função na sociedade primitiva.** Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Petrópolis, Vozes, 1973.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade.** Tradução: Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.